



CULINÁRIA VEGETARIANA

Informativo mensal destinado à boa saúde e à paz universal

n. 15, janeiro, 2006

Publicação *on line* disponível para download através do endereço eletrônico:

<http://www.culinariavegetariana.com.br>

EDITORIA
Inteligente
.com.br

Cláudia Alves Bringel - Mtb 43427

Índice

✓ Receitas:

• Creme de banana com granola - pág. 1

✓ Agenda: - pág. 2

✓ Meio ambiente: Salvem nossas florestas - pág. 2

✓ Meio ambiente: Sociedade se arma para amplo debate - pág. 3

✓ Segurança alimentar: A soja transgênica e suas conseqüências - pág. 4

Sociedade
Vegetariana
Brasileira

Faça parte da
Sociedade Vegetariana Brasileira.
Seja você também um afiliado.

Informações:

www.svb.org.br

Divino
PÃES

Pães integrais •
Sem adição de açúcar •
Sem conservantes •

Entregas em domicílio
35 3334.2132
info@divinopaes.com.br

MERCADO
ORGANICO

www.mercadoorganico.com.br

Receitas*

* É proibida a utilização comercial, com finalidades editoriais, das receitas publicadas

Creme de banana com granola

Ingredientes:

- ✓ 3 bananas prata;
- ✓ 100mL de água;
- ✓ granola.

Modo de preparo:

- ✓ Bater no liquidificador as bananas com a água;
- ✓ Após obter o creme, despejá-lo em uma vasilha e acrescentar granola a gosto.

Rendimento: 2 porções

Nota:

- a receita é extremamente simples, mas muito saborosa, sendo muito apreciada por crianças;
- a banana já é uma fruta doce, por isso, opte por uma granola que não contenha adição de açúcar;
- use sua criatividade para fazer o mesmo procedimento com outras frutas.



Creme de banana com granola

BOM APETITE!

Nota: Prefira sempre ingredientes orgânicos. Seus pratos ficarão mais saborosos e você estará contribuindo com sua saúde, com a agricultura familiar e com o meio ambiente.



AGENDA

9 a 15 de janeiro

Bhagavat-Saptaha Yajna
Srimad-Bhagavatam
Presenças confirmadas de S. S.
Dhanvantari Swami, S.S.
Purushatraya Swami, S. S. Param
Gati Swami, S.S. Chandramukha
Swami
Teresópolis - RJ; Ashram
VrajaBhumi
(21) 2644-7213 / 6892

9 a 15 de janeiro

Yoga: uma inspiração para viver o
presente
Porto Alegre, RS
[www.ashtanga.com.br/
poa2006.php](http://www.ashtanga.com.br/poa2006.php)

9 a 15 de janeiro (10h às 16h)

V Festival da Índia
Guarulhos - SP
www.festivaldaindia.com.br

4 a 6 de abril

Viver Zen
Rio de Janeiro, RJ
www.viverzen.com.br

5 e 6 de maio

Congresso Brasileiro de Educação
Humanitária: "Educação Humanitária,
um caminho para a paz"
Memorial da América Latina, São
Paulo, SP
[www.ninarosa.org/
congresso.htm](http://www.ninarosa.org/congresso.htm)

2 a 30 de julho

Formação em Ashtanga Yoga no
Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, RJ
[www.ashtanga.com.br/
2006a.php](http://www.ashtanga.com.br/2006a.php)

4 a 8 de agosto

1º Congresso Brasileiro de
Vegetarianismo
Memorial da América Latina, São
Paulo, SP
silvialakatos@gmail.com

Congresso Vegetariano Mundial - 10 a 16 de setembro de 2006
www.ivu.org

MEIO AMBIENTE

Salvem nossas florestas

por Arthur Barretto

Em 2005 foi divulgado na imprensa um dos novos recordes do Brasil, o de desmatamento. A estrutura do governo que deveria promover a preservação da floresta, não é capaz disso.

O Greenpeace, ciente do desmatamento, principalmente ilegal, entregou, no dia 19 de dezembro de 2005, um carregamento de 29m³ de madeira amazônica ilegal na sede da Polícia Federal (PF), em São Paulo, SP. A carga foi comprada pelo Greenpeace em Rondônia, em uma espetacular operação de inteligência que levou quatro meses para ser completada com sucesso. Confira as fotos no www.greenpeace.org.br.

Junto com a madeira ilegal, a organização ambientalista entregou à PF documentos utilizados na legalização da madeira – notas fiscais e Autorizações de Transporte de Produto Florestal (ATPFs) – e um dossiê com locais, nomes de pessoas e empresas envolvidas na extração e ‘lavagem’ do produto. O Greenpeace também pediu formalmente ao Ministério Público Federal, em Rondônia e São Paulo, que apure as denúncias. A operação sigilosa ganhou destaque no domingo no “Fantástico”, programa da Rede Globo de Televisão.

A madeira ilegal entregue à Polícia Federal foi extraída de áreas no entorno dos municípios de Cujubim e Machadinho D’Oeste, nordeste de Rondônia. A maior parte destas áreas está sendo

desmatada para servir de pastagens de gado. As toras foram serradas na Serraria Fortaleza, em Cujubim (RO). A nota fiscal e a ATPF, documentos verdadeiros que acompanharam a carga em seu transporte até São Paulo, foram compradas de um “atravessador” no município de Ariquemes, também em Rondônia. O caminhão carregado de madeira ilegal percorreu mais de 3 mil quilômetros de rodovias federais e estaduais, atravessou três fronteiras interestaduais e dois postos de fiscalização do Ibama – Trevo de Vilhena, em Rondônia, e Trevo do Lagarto, no Mato Grosso. Ao chegar em São Paulo, a carga foi estocada em um galpão até sua entrega na PF.

Esperamos, realmente, que esta denúncia do Greenpeace cause repercussão e que medidas efetivas promovam o controle do desmatamento. Uma delas, defendida pelo Greenpeace, solicita a aprovação urgente, pelo Congresso, do projeto de lei que modifica a gestão de florestas públicas para aumentar a oferta de madeira legal no mercado.

Enquanto isso, algumas medidas do governo estão sendo divulgadas, como por exemplo, o projeto Panamazônia II, que tem como objetivo o mapeamento completo da Amazônia, distinguindo as áreas desmatadas do solo em reflorestamento e a vegetação queimada. O projeto está sendo desenvolvido pelo Institu-

to Nacional de Pesquisas Especiais (Inpe - <http://lba.cptec.inpe.br>), órgão do Ministério da Ciência e Tecnologia, responsável pela divulgação anual do índice de desmatamento da Amazônia Legal.

Porém, além das medidas governamentais, o consumidor também tem um papel importante nisso tudo: é ele que compra. Por isso há a oferta. E não precisa ser simplesmente a oferta de madeira, que muitas vezes é ilegal. A compra de carne bovina também está associada à destruição de nossas florestas. Afinal, depois do desmatamento tudo vira pasto ou campos de cultivo de soja.

Na edição n. 13 do Culinária Vegetariana publicamos o artigo “Você já comeu a Amazônia hoje?”, de João Meirelles Filho, que mostra claramente o que o simples hábito de comer carne está causando ao meio ambiente. Meirelles enfatiza que: “*Teremos que olhar a Amazônia de outra forma, não através dos olhos bovinos que esmagaram o futuro nos últimos cinco séculos. É preciso que aceitemos que não somos bois-de-presépio, nem bois-de-pirinha. Somos seres capazes de decidir o que queremos. E queremos justiça social, ambiente saudável, emprego e renda com equidade. Queremos entregar às futuras gerações a Amazônia com a etnodiversidade, a biodiversidade e a diversidade cultural melhor ou igual àquela que recebemos*”.



MEIO AMBIENTE

Sociedade se arma para amplo debate *

por Luís Brasilino

Nos dias 14 e 15, os mais engajados críticos da transposição do Rio São Francisco reuniram-se em um seminário, em Brasília (DF). Eram cerca de 50 representantes de movimentos sociais, organizações não-governamentais (ONGs), intelectuais, indígenas, religiosos e juristas fazendo um esforço coletivo para subsidiar com argumentos frei Luiz Flávio Cappio, bispo da diocese de Barra (BA), que, ao final do seminário, se encontraria com o presidente Luiz Inácio Lula da Silva.

No início de outubro, frei Luiz ganhou a atenção internacional após 11 dias de greve de fome contra a transposição. O protesto entrou no centro do noticiário e só se encerrou com a promessa do governo de iniciar uma discussão em torno da megaobra. Para isso, no início dessa etapa de debates, frei Luiz queria dar visibilidade a sua causa, não mais à sua pessoa. "Mais importante que a audiência com o presidente é informar a população sobre o que está se passando", destacou o religioso, no seminário.

Sendo assim, os participantes dedicaram-se por cerca de 40 horas praticamente ininterruptas a uma oficina de trabalho de onde saíram dois documentos. Um explicando detalhadamente por que são contra a transposição. E outro com propostas para abastecer uma agenda positiva de desenvolvimento do Semi-Árido brasileiro.

Ao final dos trabalhos, os militantes se abraçaram e rezaram. Saíram juntos em direção ao Palácio do Planalto, convictos de terem feito tudo o que podiam em benefício do povo sertanejo.

A AUDIÊNCIA

Frei Luiz foi para a reunião com Lula, dia 15, acompanhado de Ruben Siqueira e dom Tomás Balduino, da Comissão Pastoral da Terra (CPT), do

sociólogo Adriano Martins, de Luciana Khoury, promotora de Justiça da Bahia, e do jornalista Henrique Cortez, coordenador do Portal EcoDebate. A audiência durou duas horas, o dobro do programado, e começou com a exposição de argumentos de frei Luiz contra a transposição. "Não é verdade que essa obra levará água para quem tem sede. Isso, por si só, já é um impedimento ético para justificar a oposição ao projeto", foi o destaque inicial de Cappio.

Segundo Adriano Martins, assessor do bispo, durante a reunião o ministro Ciro Gomes, da Integração Nacional e principal interessado na obra, entendeu que está numa situação desconfortável. "A transposição não é mais um passeio no parque. Ciro tentou fazer sua palestra, seu discurso, mas não tinha platéia. Todos lá conheciam muito bem o projeto", analisou Martins.

"A proposta do presidente era tudo o que desejávamos. Ele se comprometeu a realmente abrir um amplo debate com a sociedade. Essas foram palavras textuais do presidente", garantiu frei Luiz ao deixar a audiência. Contudo, Jaques Wagner, ministro de Relações Institucionais, que também participou da audiência, falou com a imprensa cerca de dez minutos depois de frei Luiz. E deixou escapar que 2006 continua sendo um ano "razoável" para iniciar as obras de transposição.

PRESSA

Ciro Gomes também parece não levar muito a sério a promessa de Lula. "Nós temos pressa e eu acho que chegou a hora de encerrarmos a discussão e passarmos à execução", afirmou para reportagem da Agência Brasil, dia 9, durante seminário que discutiu a obra.

João Abner, hidrólogo e professor da Universidade Federal do Rio Grande Norte, se cansou de tentar debater o projeto com o governo nos últimos três anos e está cético com relação à promessa de Lula. "O governo não tem condições de sustentar um debate porque toda a sua argumentação está

baseada em mentiras", desabafou ainda no Palácio do Planalto.

O temor do movimento contra a transposição é de que o governo aproveite a desmobilização social, comum durante as festas de fim de ano, para cassar no Superior Tribunal Federal as duas liminares que impedem o prosseguimento das obras.

A imprensa pode ajudar, mas...

Os participantes do seminário contam com a contribuição da mídia para que o debate em torno da transposição do Rio São Francisco dê frutos. Para João Abner, hidrólogo da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a única saída para conter o "rolo compressor" do governo é informar a população. "Só assim os brasileiros descobrirão que esse projeto consumirá, por muitos anos, grande parte dos recursos que irão para a Região Nordeste e que esse investimento não vai alterar o quadro atual de pobreza e miséria", avalia Abner.

Mas, a menos que haja uma reviravolta no trabalho da grande imprensa, dificilmente a população ficará bem informada. O engenheiro agrônomo João Suassuna, pesquisador da Fundação Joaquim Nabuco de Pernambuco, conta que foi procurado pela revista Veja durante a greve de fome de frei Luiz Cappio. "Conversamos por três dias consecutivos para uma grande reportagem sobre a transposição. Só que a matéria não saiu. O mesmo aconteceu com a revista Isto é. Dei entrevista por escrito, cinco perguntas sobre as quais me debrucei todo um fim de semana. Também não publicaram nada. Infelizmente, existe uma pressão do governo federal que faz com que esses órgãos da imprensa não publiquem suas matérias", denuncia Suassuna.

* Fonte: Brasil de Fato, edição Nº 147 - De 22 a 28 de dezembro de 2005
www.brasildefato.com.br/ambiente/147sociedade%20se_arma.php



SEGURANÇA ALIMENTAR

A soja transgênica e suas conseqüências***O QUE É A SOJA RESISTENTE AO ROUNDUP® (RR) DA MONSANTO?**

A soja Resistente ao Roundup® (RR) da Monsanto foi uma das primeiras culturas transgênicas a serem comercializadas. Essa soja foi modificada geneticamente para adquirir resistência ao agrotóxico glifosato, que é comercializado pela Monsanto sob a marca registrada “Roundup®”. Um gene de bactéria chamado EPSPSCP4 produz uma enzima que interfere na produção de aminoácidos aromáticos e hormônios nessa planta. Quando a patente do glifosato expirou, outras empresas também passaram a comercializar herbicidas com este ingrediente ativo.

O Roundup® ou outra formulação de glifosato mata a soja convencional. Com a modificação genética esse agrotóxico pode ser usado pelo agricultor para eliminar as ervas daninhas nas culturas de soja transgênica sem afetar sua plantação.

Mistura de planta, vírus e bactéria

A soja RR contém material genético de pelo menos quatro diferentes organismos:

- (i) promotor do vírus do mosaico da couve-flor (CaMV),
- (ii) peptídeo sinal da petúnia (CTP4),
- (iii) gene EPSPS da *Agrobacterium* CP4,
- (iv) a sequência 3' (NOS) da *Agrobacterium tumefaciens*
- (v) três fragmentos de DNA inseridos acidentalmente

A permissão para plantar ou importar soja RR foi baseada em informações fornecidas apenas pela Monsanto. As autoridades governamentais de muitos países aceitaram essas informações e permitiram seu uso comercial. Porém, desde meados da década de 90, foi descoberta uma série de anomalias e de efeitos imprevistos relacionados à soja RR, fazendo surgir sérias dúvidas quanto à segurança do meio ambiente onde é exposta.

A soja RR no mundo

A soja RR foi aprovada para plantio nos EUA em 1994 e, posteriormente, no Canadá, Argentina e México. Em 1996, foi cultivada comercialmente pela primeira vez

por agricultores norte-americanos e argentinos. Nesse mesmo ano, recebeu aprovação para ser comercializada na União Européia e no Japão apenas para importação e processamento. A aprovação final no Brasil aconteceu em 2005 com a publicação da Lei de Biossegurança.

Mas... as informações são confiáveis?

Cinco anos após receber a autorização para uso comercial, foi comprovado que a soja transgênica RR contém genes inseridos acidentalmente, fragmentos adicionais do pacote de genes RR e partes do DNA da própria planta rearranjados:

- um fragmento do gene EPSPSCP4 com 32 pares de bases, não ativo;
- um fragmento do gene EPSPSCP4 com 250 pares de bases, ativo;
- um fragmento desconhecido com 534 pares de bases, ativo.

Na década de 90, para conseguir autorização para sua soja transgênica, a Monsanto apresentou uma documentação sobre o assunto às autoridades norte-americanas, afirmando claramente que uma única cópia da construção quimérica (pacote de genes de vírus e bactérias inserido na planta) estava presente na soja transgênica RR.

Entretanto, em maio de 2000 foram descobertos fragmentos adicionais de DNA presentes na soja. A Monsanto apresentou relatórios detalhando esses fragmentos adicionais, afirmando que “ambos segmentos de DNA são inativos (não funcionais)”.

Falhas no processo

Um relatório publicado em 2001 por uma equipe independente de cientistas mostrou que existem erros graves mesmo naquela caracterização detalhada apresentada pela Monsanto em 2000. Ao contrário do que afirmava o relatório da Monsanto, um dos fragmentos extras de DNA na soja RR e alguns dos DNA rearranjados da planta são realmente funcionais.

A Monsanto admite agora que este DNA está ativo, transcrevendo o produto intermediário, RNA, a um passo de produzir uma proteína. Isso levanta a possibilidade de que a soja transgênica venha a produzir proteínas desconhecidas, não

previstas e que nunca foram testadas. As mudanças podem aparecer somente após várias gerações ou em tempos de estresse da planta, como calor ou seca.

A avaliação de risco feita originalmente com a soja transgênica RR não levou em consideração os fragmentos adicionais de gene e nem a presença e função desse recém descoberto DNA rearranjado (não identificado). Portanto, a avaliação de risco feita durante o período 1994 – 1996 não pode ser declarada como uma avaliação de segurança válida para a soja transgênica que está sendo plantada e comercializada atualmente.

Existem questões importantes, até agora não resolvidas, a respeito do que é realmente a soja transgênica RR da Monsanto e, de fato, o que mais resta para ser descoberto.

Como é feita a avaliação do risco dos transgênicos?

A avaliação de risco dos transgênicos é fundamentada com a suposição que eles são importantes para o desenvolvimento da agricultura. Isso influencia a forma como são avaliados.

No Brasil a liberação da soja transgênica aconteceu sem estudo de impacto ambiental: prevaleceu a pressão dos plantios ilegais nessa decisão. As probabilidades são favoráveis para a indústria e desfavoráveis para o meio ambiente e para a saúde do ser humano.

A análise da “segurança” dos usos da soja transgênica elaborada pela Monsanto emprega o princípio da “equivalência substancial”, que tem sido objeto de controvérsia no processo de regulamentação desde sua introdução. Esse método assume a hipótese de que nenhuma mudança ocorre na planta a não ser aquelas diretamente atribuíveis ao gene inserido. Ou seja, o alimento transgênico pode ser considerado equivalente ao mesmo alimento “natural” após análises químicas apenas nos principais componentes. Esse conceito contrasta com a interpretação de um “padrão de segurança” (recomendado pela Sociedade Real do Canadá), que requer uma análise científica rigorosa para avaliar, e possivelmente caracterizar, todos e cada um dos efeitos gerados pela manipulação genética.

* Fonte:





A análise da Monsanto

Os ensaios de campo apresentados na documentação submetida pela Monsanto, visando sua comercialização, são observações visuais feitas por técnicos que somente seriam capazes de detectar efeitos aparentes graves e imprevisíveis. Nenhum parâmetro fisiológico ou bioquímico foi analisado, como o consumo de nitrogênio e taxas de fotossíntese. Também não foram avaliados os efeitos da modificação genética na planta inteira, e nem seu correto funcionamento genético. Está claro que os riscos possíveis não foram suficientemente estudados e avaliados. Quaisquer mudanças nos processos químicos das proteínas que não resultem em mudanças imediatamente aparentes ou visíveis (e nem por isso menos significativas) não teriam sido detectadas nos documentos originais submetidos.

A responsabilidade da Monsanto

A soja transgênica da Monsanto é culpada pelo aumento no uso de herbicidas. Apenas um tipo de soja transgênica resistente a herbicida está disponível comercialmente: a soja Resistente ao Roundup®, da Monsanto, que é resistente ao glifosato.

De toda a área cultivada com transgênicos nos Estados Unidos, 54% são de soja transgênica RR. Os dados do Departamento de Agricultura dos EUA mostram um inacreditável aumento de 22% na quantidade de glifosato aplicado por hectare de soja transgênica entre 2001 e 2002. Conseqüentemente, o grande aumento do uso de glifosato aplicado por hectare de soja transgênica combinado com o aumento da área de soja Resistente ao Roundup® da Monsanto foi a principal razão para o aumento no consumo de agrotóxicos nos Estados Unidos.

Os herbicidas e o glifosato

O aumento dramático no uso de herbicidas se deve principalmente à redução da eficácia do glifosato.

Isto é causado por vários fatores, incluindo a alteração na população de ervas daninhas resistentes ou tolerantes ao glifosato. O uso constante do glifosato seleciona as plantas com menor sensibilidade ou com algum tipo de proteção contra o herbicida. A redução do preço do herbicida associado à sua menor eficácia leva

o agricultor a usar quantidades cada vez maiores de agrotóxicos em sua lavoura transgênica.

Porém, esse aumento no uso de agrotóxicos não representa surpresa, pois os cientistas alertaram, há muitos anos, que cultivar plantas resistentes aos herbicidas iria gerar grandes mudanças na população de ervas invasoras e em sua resistência aos herbicidas, obrigando um maior número de pulverizações e/ou maior quantidade de herbicida. Essas adaptações ecológicas estão bem documentadas e tem afrontado as pesquisas apresentadas pelas indústrias de transgenia. Hoje, até mesmo as empresas de transgenia advertem sobre o problema.

Em resumo, as vantagens aclamadas pelas indústrias de transgenia provaram que são falsas. O uso de herbicidas está, agora, crescendo dramaticamente nos Estados Unidos, principalmente devido ao cultivo da soja Resistente ao Roundup®. Este é mais um exemplo das falsas promessas dos cultivos transgênicos.

Os transgênicos resolvem o problema da fome no mundo?

A fome e a desnutrição existem porque os famintos são pobres. Sem poder político, sem dinheiro para comprar comida, sem terras para cultivar os seus alimentos. A engenharia genética e os alimentos transgênicos não podem fazer nada para resolver esses problemas... Talvez os torne piores.

A agricultura industrial não promove diversidade de culturas para alimentar os mercados locais, apenas produz mercadoria agrícola para exportar aos que possuem dinheiro. Desde 1950, a produção de alimentos aumenta a cada ano, mas hoje temos muito mais desnutridos e famintos do que 20 anos atrás.

O exemplo argentino

A produção de alimentos na Argentina, por exemplo, bateu recordes nos últimos anos. No ano de 2002, bateu o recorde de produção e exportação. Ao mesmo tempo, 2002 foi o recorde de pobreza e fome no país. A gigantesca monocultura de soja transgênica para exportação substituiu as culturas de arroz, sorgo, milho. Substituiu também o gado de corte e leite. O dinheiro ficou nas mãos de poucos exportadores.

Florestas nativas estão sendo derrubadas para o plantio de soja. O uso intenso do pacote tecnológico de semente transgênica e agrotóxicos em grandes monoculturas mecanizadas eliminou pequenas propriedades e milhares de empregos rurais, concentrando a posse da terra produtiva nas mãos de poucos.

O principal argumento quando a soja transgênica RR foi aprovada na Argentina em 1996, era a promessa de aumentar a segurança alimentar do país. Em maio de 2002, quase a metade da população argentina estava abaixo da linha da pobreza. A principal causa da fome na Argentina foi o aumento do preço dos alimentos e a grave situação econômica. As falsas promessas dos transgênicos não eliminaram a fome da Argentina: pioraram a situação.

Apenas 16% das terras produtivas do mundo estão livres de problemas como a poluição química e o desequilíbrio ecológico. O sistema da agricultura industrial está comprometendo a terra onde serão cultivados os alimentos das gerações futuras.

GUIA DO CONSUMIDOR



O "GUIA DO CONSUMIDOR" é uma publicação do Greenpeace que visa alertar o consumidor dos principais itens de consumo que contém ingredientes transgênicos, incluídos na lista vermelha, e também os que estão livres, incluídos na lista verde.

A 6ª edição, de setembro de 2005, teve 175 mil cópias, constando 109 empresas, das quais, 65% estão na lista verde. Na 1ª edição, feita em 2002, das 53 empresas pesquisadas, apenas 26% estavam na lista verde. Sem dúvida, a mudança de postura das empresas é resultante da pressão dos consumidores. Por isso, não deixe de manifestar sua vontade e protestar quando a empresa não respeitar sua opinião.

O "GUIA DO CONSUMIDOR" é atualizado regularmente, podendo ser checado a qualquer momento através do endereço: www.greenpeace.org.br/consumidores.